

Insurgências

Existe uma potência no ato de levantar-se e de se colocar em marcha. Mas, a arte lida com a ambiguidade em se fazer presente, em não coincidir com os fatos. A arte, em vez de seguir em direção, prefere a contra-marcha, ocupando o lugar de assuntos em suspensões. As obras, muitas vezes, geram aparições, reconhecimentos, no mesmo instante em que rasuram, apagam, fixam vertigens, propõem momentos liminares. Nesse sentido, suspendendo o tempo num ponto enigmático de inatualidade, as artistas prometem mais um devir que uma realidade. Ao mesmo tempo em que apontam para fatos diversos, as obras aqui apresentadas os escapam, extravasam: são ambiguidades multiplicadoras de sentidos.

Entre densidade e transparência, peso e fluidez, “Caminho e meio”, de Mercedes Lachmann, presentifica o impasse de um encontro, o instante decisivo de embate a interromper e transformar dois percursos. Stella Margarita influi sobre o desabrigo, seus corpos desconhecidos são envoltos em bruma e exibem-se em exílio e plácido suplício. Já Duda Las Casas aborda o desejo e a fragilidade do homem em “Transitórios”, ao mesmo tempo em que evoca a condição feminina no dançar insurgente de “Ártemis”. A artista expõe, ainda, a paródia anacrônica de nossa política em “Posse”. María Andrea Trujillo com “To be” revela o desejo por uma cultura *trans*, aquela de trânsito, mas também de transubstanciação. Nas obras “Barroco I” e “Barroco II”, de Stella Mariz, é a própria humanidade que insurge agonizante nos limiares do corpo, em sua tessitura, no clamor inaudível da pele.

As artistas nos oferecem, então, brevidades, instantes carregados de ação e intensidade, momentos de uma chegada eternamente adiada, isto é, que não cessam de se colocar em marcha sempre e de novo a cada olhar. Obras plenas de desejo que aspiram outro lugar, outro litoral.